



Paradigma pós-religional: entre crise e boa notícia

Post-religional paradigm: between a crisis and a good news

Paradigma post-religional: entre una crisis y una buena noticia

José Maria Vigil*

Paradigma pós-religional, o que isso significa? Não são poucos os que se perguntam sobre essa temática. A palavra e o conceito são novos, mas existem diversas tentativas de nomear e compreender de forma nova uma realidade mais ou menos velha, que está aí há algum tempo, ameaçante e misteriosa, desafiante e rebelde, à espera de ser configurada mais precisamente nas nossas análises. E não é fácil, especialmente, se pretendermos encontrar uma explicação “certa”, global e única.

Neste mundo atual abundam os sinais religiosos mais diversos, até contraditórios mesmo, que dariam razão aos diagnósticos mais descontraídos. Pode-se dizer que a religião está crescendo, como também que está se transformando, e ainda que está diminuindo. E as três coisas são verdadeiras, como também essas três afirmações podem ser negadas. Acontece de tudo neste mundo caótico da sociedade humana em seu dinamismo, em comunicação crescente, em mútua inter-fecundação, em crescimento "noosférico". O mesmo acontece na sociedade em relação à religião. O surgimento e o desenvolvimento do “pós-religional” não é a “única coisa que acontece», nem talvez o acontecimento principal, nem muito menos aquele que explica tudo. É mais uma transformação, que está aí, e que não pode ser negada, e que suscita reações diferenciadas no amplo leque da sociedade religiosa atual.

* Doutor em Educação, com ênfase em los nuevos paradigmas (Universidade La Salle de San José, Costa Rica), pós-doutorado em Ciências da Religião (PUC Minas). Estudou Teologia em Salamanca e Roma, e Psicologia em Salamanca, Madrid e Managua. País de origem: Nicarágua. E-mail: ComisionTeologica@Latinoamericana.org.

Se começamos a olhar pela base da sociedade, é talvez aí onde esteja mais ativa essa transformação, mesmo que de um modo inteiramente silencioso e irreflexo. São verdadeiras multidões que são afetadas por ela: pessoas que, por todo lado – sobretudo parte da juventude –, sentem e vivem o religioso de um modo novo, mais secular, mais leigo, com um certo desapego ou indiferença. O religioso, ou seja, os ritos, as crenças, as práticas religiosas, os dogmas, por exemplo, tudo isso é sentido com um significado cada vez menor, ou mais estranho, menos plausível, como se fosse de outros tempos. Esta experiência está por toda parte – junto com as experiências contrárias, não esqueçamos –; está na sociedade civil, onde os «sem afiliação religiosa», no dizer do PEW Center dos EUA, ou «os sem religião», no dizer do IBGE brasileiro, alcançam a cada ano porcentagem mais alta: algo nunca visto como 16% da humanidade atual. No Ocidente e no Primeiro Mundo esse grande contingente está formado por pessoas que saíram das formações religiosas estabelecidas, das grandes religiões, nomeadamente do cristianismo, em grande medida. Mas mesmo as pessoas praticantes, que permanecem na base das instituições, não deixam de experimentar uma transformação «pós-religional» na sua religiosidade. O fenômeno é lento e sutil, mas quase universalmente constatado.

No nível institucional, a situação é muito diversa: as religiões oferecem resistência a esta perspectiva. Mesmo que possam observar esse fenômeno nas suas fileiras, ele não é percebido nem contemplado na sua agenda, nem seu estudo é incorporado aos afazeres acadêmicos. O que é bastante lógico e compreensível, pois em sua primeira impressão o «pós-religional» vem ligado psicologicamente à negatividade do final da própria religião. As instituições religiosas têm muita dificuldade em superar a aparência negativa do pós-religional; olham-no como se fosse o seu próprio *harakiri*; não conseguem enxergar o que o pós-religional traz para elas de possibilidade de metamorfose, de reinício, de ressurreição. Mesmo a teologia, quando vinculada à instituição, tem muita dificuldade em assumir o tema do pós-religional; não em vão, pois o tema “pós-religional” exigiria uma releitura total do campo teológico.

Mas no campo das ciências da religião e do pensamento livre em geral, o tema está aí, minoritário, mas claramente percebido, e suscitando um interesse

crecente. Basta visitar as livrarias e as revistas especializadas, ou a nova biblioteca mundial, a internet, para perceber claramente o aumento de uma nova reflexão, cada vez mais aprofundada. *Why Christianity Must Change or Die*, *Hacia una espiritualidad laica*, *The Death of Religion and the Rebirth of the Spirit*, *Christianity After Religion*, *Otro cristianismo es posible*, *A New Christianity for a New World*, *Aunque no haya un Dios ahí arriba*, *Emergence Chrsitianity...* são só alguns títulos dentre os inúmeros que neste mesmo momento estão na vitrine dessa “loja” virtual. E já existe longa reflexão nesse novo patamar pós-religional.

Como dizemos: o pós-religional não é o único fenômeno que está sendo refletido, nem é a única explicação para essas diversas transformações, mas é algo que realmente está acontecendo, e sua reflexão, bem elaborada, está crescendo e maturando. Merece por isso grande atenção.

Mesmo que, como dizemos, essa reflexão esteja crescendo e amadurecendo, de fato está ainda num estágio de desenvolvimento. As grandes perguntas a respeito, a compreensão global do fenômeno, ainda estão esperando uma visão mais abrangente que possa lhe dar fundamento. Não temos uma teoria total, uma "teoria do todo" que possa dar essa razão global do fato. E são muitas as perspectivas que podem ser desenvolvidas. Nos fatos diários da vida religiosa, o pós-religional é facilmente observável; está aí, no dia-a-dia da humanidade; o que não conseguimos captar é o significado profundo, ou melhor dizendo, o significado amplo do fenômeno.

Desde o filão das *ciências da terra e da vida* – dentro das quais tudo fica cada dia mais “oiko-centrado”, ou seja, mais contemplado desde a perspectiva do desenvolvimento da vida, que é evolutivo e simultaneamente material e espiritual –, o pós-religional passa a ser compreendido como um novo estágio para o qual caminhamos. O que se pode afirmar no nível interno das religiões não pode contradizer o que se conhece e se afirma na perspectiva global, centrada na visão do desenvolvimento evolutivo da vida. O pós-religional não seria um simples fato localizado, no nível pequeno, da situação atual das religiões, mas algo situado numa colocação mais ampla, no nível mesmo da evolução da Terra e da Humanidade. O pós-religional não é um problema das

religiões, mas algo que tem a ver com a transformação da Humanidade, com o processo de hominização, com a evolução da Vida na Terra. O *homo sapiens* está crescendo, evoluindo, se transformado e, concretamente neste tempo, se intensifica a sua mudança para um novo nível de consciência. Estamos atravessando o umbral desse novo nível humano da vida e da consciência, e é por isso que as formas religiosas velhas, que nos acompanharam durante a etapa que está sendo concluída, estão murchando, e vão ser dispensadas e abandonadas em prol de outras, adequadas a este novo estágio da consciência da Humanidade. Há muito ainda a ser aprofundado por esse filão.

O campo da *epistemologia* também está prestes a participar com sua intervenção. Ele testifica que há uma mudança radical: a epistemologia mítica, aquela forma antiga, ancestral até, de funcionar o conhecimento humano dentro das religiões agrárias, do período neolítico – o período no qual se formaram as que conhecemos hoje como as grandes religiões – está caduca. Fica hoje reservada para a criação literária, fundamentalmente, e usos similares, mas não é aceita já no campo das necessidades fundamentais de sentido do ser humano moderno (sublinhemos: "moderno"; para os pré-modernos, por exemplo, continua sendo válida). Acontece que a epistemologia mítica foi a epistemologia fundamental no processo da formação das religiões, e até o dia de hoje não foi substituída. Eis aí uma das razões desse mal-estar que sente a cultura moderna ante as religiões, que se expressa, entre outras manifestações, no avultado exílio pós-religional.

Volta à tona aquele conceito *antropológico-cultural* cunhado por Karl Jaspers, do "tempo axial". Daquele primeiro tempo axial temos vivido todo o tempo decorrido desde então, mas ele já não parece capaz de continuar sendo base para uma nova configuração espiritual do ser humano. Teremos entrado de cheio num "segundo tempo axial"? Será isso o que está por trás do pós-religional? O conceito e o termo viraram absolutamente conhecidos e estão no bojo da reflexão de ponta sobre o tema.

A reflexão e o debate precisam continuar. Com paciência, e com atitude pluralista, porque, como dito, acontecem muitas outras coisas, até contrárias, nesta convulsionada noosfera na qual vivemos, crescemos e evoluímos. Em todo

caso, precisa-se superar essa primeira reação negativa de preconceito que o tema suscita em muitos: não se trata de um final de nada, mas só do final de um estágio, que dá passo a outro estágio mais pleno, maior. O pós-religional não significa o final da religião, mas sua transformação epocal, evolucionária, no desenvolvimento da hominização, o surgimento de uma nova configuração da espiritualidade, dessa dimensão profunda do ser humano, para esta nova etapa da humanidade, para este seu novo estágio de consciência, para esta sua epistemologia nova, para esse novo compromisso histórico com a Terra, com o Cosmo, com a Natureza, com a Vida e sua profundidade. Por isso é que o paradigma pós-religional, além de nos fazer compreender uma crise..., é também uma boa notícia!